

BC tem munição para conter ataque

A diretoria do Banco Central ouviu toda a discussão da semana praticamente calada — só o diretor de Política Monetária, Francisco Lopes, andou falando sobre o assunto. Mas não entrou no mérito da questão se o Brasil seria ou não a próxima vítima da especulação mundial. Lopes limitou-se a dizer que, ocorrido o ataque, o Brasil tem armas suficientes para um contra-ataque poderoso. “Coisas que outros bancos centrais não têm”, segundo a chefe do Departamento de Operações das Reservas Internacionais (Depin), Maria do Socorro Carvalho.

Ela cita três dessas armas: 1) Os bancos não podem carregar mais do que US\$ 5 milhões em suas carteiras. Passado esse limite, são obrigados a depositar no BC a quantia excedente. “Isso impede que eles especulem comprando

mais dólares que o necessário”, diz Carvalho; 2) As reservas cambiais, que podem ser parcialmente vendidas para evitar que o valor do dólar suba muito num momento de crise. “São US\$ 63 bilhões prontos para serem usados”; 3) A possibilidade de segurar o ataque, sem mexer no câmbio, aumentando os compulsórios bancários (percentual dos depósitos à vista que os bancos são obrigados a deixar no BC). “Isso aumentaria os juros e trocar reais por dólar, típico movimento dos especuladores, ficaria desinteressante.”

JOGO

“Realmente são muitas as possibilidades para combater um ataque”, apóia Odair Abate, economista-chefe do Lloyds Bank. Esse negócio de querer descobrir quem será o próximo é uma espé-

cie de jogo, diz, “no qual todos querem sair na frente”.

Verdadeiros interessados no resultado desse jogo, os 150 milhões de brasileiros que saboreiam os primeiros três anos de estabilidade econômica em muitas décadas, não se esquecem que, quando a economia mexicana ruiu em 1994, o país já havia ajustado suas contas e desde 1989 tinha índices considerados excelentes de déficit público. A Tailândia, primeiro Tigre abatido pela especulação na Ásia, surpreendeu o mundo ao crescer num ritmo de mais de 8% por quase uma década seguida. Tudo parecia bem em ambos os casos, até que, num piscar de olhos, os dólares que entraram e movimentaram os negócios nos dois países, saíram para faturar em outro mercado emergente. Como o Brasil.